

A POÉTICA DE FLORBELA ESPANCA: um estudo do feminino.

Elen Karla Sousa da Silva¹

RESUMO: Cada período da história foi marcado por inúmeras transformações, o início do século XX trouxe grandes mudanças que ajudaram a compor o mundo globalizado em que vivemos hoje. Diante da visão econômica estabelecida na época pelo Capitalismo, a contextualização da condição e do papel da mulher na sociedade começa mudar. Os questionamentos, as reivindicações espalham-se pelo mundo por diversos meios, até pela literatura. Em Portugal, o movimento também começa a ganhar forma e força. Dentro deste cenário, de modo mais contido, inicia-se pelos salões de chá, depois pelas publicações em revistas. Uma das mais importantes vozes feminina da época na Literatura Portuguesa é Florbela Espanca, que se dizia conservadora, mas defendia o surgimento de uma nova mulher que deveria expandir seus horizontes sem se deixar ser dominada. A poetisa viveu e conviveu com um mundo de transformações, e sua vida não fugiu do contrário, ela foi uma mulher aquém do seu tempo e do movimento literário vigente, talvez por isso se deixasse levar tanto por seus anseios. Por tal esta pesquisa objetiva analisar de que forma se dá a representação da imagem feminina na produção literária de Florbela Espanca, contextualizando seu lirismo, a história da mulher dentro da conjuntura histórico-literária, e a produção literária florbeliana na construção de seu estilo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Mulher. Florbela Espanca. Feminismo.

ABSTRACT: Each period of history was marked by many changes, the early twentieth century brought great changes that helped to shape the globalized world we live in today. Faced with the economic vision established at the time by Capitalism, the context of the condition and the role of women in society begins to change. The questions, the claims are spread around the world by various means, to the literature. In Portugal, the movement also begins to take shape and strength. Within this scenario, the more restrained way, begins by tearooms, after the publications in journals. One of the most important female voices of the season in Portuguese Literature is Florbela Espanca was said conservative, but advocated the emergence of a young woman should expand your horizons without being master. The poet lived and lived with a world of transformations, and his life did not run away otherwise it was a woman short of its time and the current literary movement, so maybe if I let take both their expectations. For that this research aims to analyze how it gives the representation of the female image in literary production Florbela Espanca, contextualizing its lyricism, the history of women

¹ Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN. Especialista em Literatura pela Faculdade Aldemar Rosado. Graduada em Letras-Português na Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. E-mail: elenuema@gmail.com

within the historical and literary context, and literary production florbelian in building your style.

KEYWORDS: Literature. Women. Florbela Espanca. Feminism.

1 INTRODUÇÃO

A literatura portuguesa foi assinalada por grandes períodos com seus respectivos representantes, mas nem todos puderam ser integrados a movimentos literários definidos. Isso é o que acontece com Florbela Espanca, a poetisa que retratava a desilusão, o erotismo e o sofrimento amoroso, destaca-se como uma figura controversa diante do feminismo e da preocupação com a condição da mulher.

O final do séc. XIX e o início do séc. XX foi marcado por grandes transformações econômicas e sociais. Essa nova configuração de vida estabeleceu uma redefinição do papel da mulher. Dando início às reivindicações e às lutas por mais espaço e igualdade de direitos, nascia assim o movimento feminista. Goldeberg (1989) aponta que o movimento feminista foi essencial para a melhoria da situação feminina ao propor um movimento de liberação das mulheres em busca de uma transformação global da sociedade. Desta forma Portugal também foi tomado pelas mudanças e pela efetiva participação da mulher na esfera econômica e principalmente no campo literário. Neste contexto surgiu Florbela Espanca a “figura feminina mais importante da Literatura Portuguesa” (MOISÉS, 2008, p. 356)

Em Portugal, o movimento também começa a ganhar forma e força. Dentro da Literatura, de modo mais contido, inicia-se pelos salões de chá, pelos artigos em revistas, para só então tempos mais tarde partir para a publicação literária. Em seu legado Florbela não abordou a temática do feminismo de forma clara e objetiva, mas abriu caminho para muitas autoras, dizia-se conservadora, mas defendia o surgimento de uma nova mulher que deveria expandir seus horizontes sem deixar-se ser dominada.

Foi na década de 20 que a notoriedade das poetisas começou a crescer. Elas começaram a ganhar mais espaço na imprensa, tanto na publicação de suas entrevistas, artigos, quanto na produção literária. Os críticos não economizaram nas críticas e nos protestos. Florbela também iniciou seu legado desta forma, mas embora parecesse ser

mais aceita que as demais, as críticas não lhe foram poupadas assim como a falta de reconhecimento. O Livro de Mágoas, por exemplo, sua primeira publicação quase passou despercebida, recebeu apenas uma crítica.

Segundo Dal Farra (2002, p.16):

Florbela foi sozinha, porque talvez lhe não surgiu alguém que a conhecesse e amparasse, porque, especialmente, os seus nervos, o seu orgulho, a sua volubilidade, a louca esperança de encontrar, neste mundo, a pátria da felicidade, a iam fazendo, tristemente, cada vez mais, intolerável aos outros e a si mesma.

Diferente de muitos autores Florbela não se fixou em nenhuma vertente ou grupo literário definido daí muitos identificam seu legado como uma poesia suspensa, sem ligação com as diversas manifestações artístico-culturais que caracterizavam o movimento literário vigente em Portugal.

Por tal este trabalho tem como objetivo, a partir de ampla pesquisa bibliográfica, dos principais livros poéticos como: Livro de Mágoas, Livro de Soror Saudade, Charneca em Flor, Reliquiae, Trocando olhares (texto editado e reconstituído por Maria Lúcia Dal Farra), e Sonetos Completos (compilação que reúne toda a produção poética da autora, feita por Guido Battelli), além de livros de contos como Dominó Preto (estes apenas para subsídios teóricos) analisar de que forma se dá a representação da imagem feminina na produção poética de Florbela Espanca, o que implica assim antes de tudo contextualizar seu lirismo não só pela perspectiva literária, como também de forma sócio histórico para compreender quão importante foi seu legado.

2 A MULHER E A SOCIEDADE PORTUGUESA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Na procura da solidificação da essência feminina na sociedade e no conhecimento aos pontos históricos que penetraram toda a evolução, a mulher, com o passar do tempo, vem atribuindo na sociedade o molde instituído pelos homens. Já que acaba exercendo para si um papel que não escolheu. A sociedade do século XX nos

apresenta uma mulher que cada vez mais se integra ao mercado de trabalho em busca de melhores condições, e ganha novas representações na família.

Mas além desse papel foi também assumindo funções diversas e trilhando caminhos que apenas evoluíram ao longo dos anos. Pois o início do século XX foi marcado por manifestações feministas por melhores condições de trabalho e direito ao voto, assim como a celebração do Dia Internacional da Mulher.

A desigualdade existente entre o restante da Europa e Portugal no que se refere ao desenvolvimento socioeconômico é clara e evidente no fim do século XIX. Na segunda metade do século, encontrar-se-á um país atrasado em praticamente todas as áreas, com sua economia baseada na agricultura, cerca de 80% de sua população constituída por analfabetos e com a Igreja católica exercendo seu poder de forma ampla. Tais fatos acabarão contribuindo para aumentar o atraso do seu desenvolvimento econômico.

A mudança do regime de monárquico para republicano trouxe consigo a esperança dos portugueses de classes menos favorecidas em conseguirem uma modificação em termos de qualidade de vida. No entanto, tal fato não ocorre em função, principalmente, da luta que se trava entre as correntes em que se dividiu o Partido Republicano. Este fato pode ser constatado em *Cartas Políticas*, trabalho escrito pelo lúcido crítico João Chagas:

É o Portugal dos séculos XVII e XVIII, o Portugal absolutista, educado pelos frades e pelos jesuítas, com o mesmo fundo étnico e a mesma mentalidade. É um Portugal de torvos inquisidores, de grotescos chechês, de capitães-mores, de beatas, de peraltas, de sécias, de vates de eirado e de ratos de sacristia, trescalando ao fartum dos tempos ominosos. Esse Portugal reviveu com a crise final da dinastia. Era um sedimento social, um depósito como o que existe no fundo das garrafas. A sociedade agitou-se. Ele veio acima e turvou a. O que restou de extinto, de morto na alma portuguesa adquiriu movimento, entrou em atividade (MAGALHÃES, 2000, p. 66)

Tendo como origem o advento do capitalismo e o crescimento dos centros urbanos, começa a acontecer a participação efetiva da mulher como mão-de-obra na sociedade portuguesa já que a maioria, pertencente às classes menos favorecidas, vê-se em situação de sérias dificuldades financeiras, que comprometem a manutenção financeira básica de suas famílias. Nem mesmo a Igreja pode socorrê-las, pois neste momento, se encontra sem prestígio em relação ao Estado.

No campo literário, a mulher com maior grau de instrução vai conquistando gradualmente seu lugar. Tal fenômeno ocorre em Portugal, primeiro em caráter doméstico, nas reuniões para o chá e posteriormente, nas revistas femininas que publicam não só seus artigos, mas também, suas poesias. Neste contexto surge Florbela Espanca, poetisa que consegue, ao contrário da maioria, uma atenção favorável da crítica masculina portuguesa, tendo seu trabalho reconhecido pela classe literata.

Em 1916, Florbela escreve para sua amiga Júlia Alves: “Mas a propósito de versos: visto que seu jornal só com cem páginas por semana poderia conter a porção de coisas boas e más que metade das mulheres de Portugal para lá envia numa febre de escritoras, literatas, poetisas e cozinheiras (...) (ALONSO, 1997, p. 209)

Em 1905, o manifesto feminista *Às Mulheres Portuguesas* de Ana de Castro Osório (ALONSO, 1997, p. 25) marcou o início da luta das mulheres portuguesas pelos seus direitos na vida pública. Em 1914 a criação do “Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas” veio reforçar os esforços das mulheres em sua luta; no entanto, foi com o advento da Primeira Guerra Mundial que o papel da mulher ganhou efetiva importância, devido à necessidade da utilização de seus serviços. Daí em diante, cresceu o interesse no que dizia respeito a esse novo universo: o mundo das mulheres.

A mulher neste mundo moderno, que antes já era composta mãe, esposa, dona-de-casa, agora, também trabalhadora profissional, independente financeiramente, lutadora, guerreira, demonstra uma identidade que se expande por todo lado. Situa-se nas extensões, apontando para a necessidade de abriremos o imaginário de cada um para algo novo, transformando a idéia de que a identidade humana deva ser única, fixa e intolerante.

3 O FEMININO E A LITERATURA

Em relação à Literatura, um novo episódio começava a acontecer: as mulheres com maior grau de instrução começavam a ganhar espaço nas revistas femininas portuguesas, escrevendo artigos que discutiam a questão da educação da mulher tanto na Europa como nos Estados Unidos e por muitos outros países como é o caso do Brasil e assim refere-se Zahidé Muzart (2003, p. 267) quando afirma que:

(...) no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente.

Mas no que diz respeito à Literatura e a mulher dois pontos devem ser levados em consideração, a primeira referente à arte produzida pelo público feminino, não necessariamente tendo caráter reivindicativo ou de protesto, e a segunda àquela dedica especialmente em abordar a condição da mulher, de estilo revolucionário, e intimamente feminista. Pois ambas as formas enfrentaram protestos, no entanto tiveram diferentes formas de aceitação e crítica. Em relação a Florbela Espanca e sua literatura, objeto principal de estudo do presente trabalho, o segundo ponto de análise é o que melhor corresponde e completa o sentido de estudo da obra florbeliana.

Em Portugal, Maria Amália Vaz de Carvalho publica *Cartas a Luísa* para defender a tese de que a educação escolar feminina devia ser um direito conquistado. Como já era de se esperar, a reação masculina, contrária à escritora, veio de forma marcante e contundente para criticar a obra. Oliveira Martins, intelectual da Geração de 70, escreve que sendo a mulher doente, o que ela necessita é de “médico”:

(Antes) Deus era o médico da mulher: hoje o seu médico e o tutor dessa pupila eterna é o homem: o pai, o marido, o filho. Ai da mulher que não se submeter, dócil e amoravelmente, a cada um destes *médicos* nos períodos sucessivos da sua existência! (ALONSO, 1997, p. 22, grifo nosso)

Apesar da luta desigual, as mulheres foram conseguindo seu espaço dentro da Literatura, inicialmente de forma muito tímida. Foi no início do século XX que esse movimento ganhou mais intensidade. As mulheres usaram a poesia como bandeira para representar a sua luta pelo direito de conquistar espaço igual no mundo.

Em Portugal, as revistas femininas publicam artigos que relatam o que pensavam as mulheres de outros lugares do mundo e também publicam suas poesias, mesmo sabendo da inevitável repercussão negativa. Em 1916, Florbela escreve para sua amiga Júlia Alves: “Mas a propósito de versos: visto que seu jornal só com cem páginas por semana poderia conter a porção de coisas boas e más que metade das mulheres de Portugal para lá envia numa febre de escritoras, literatas, poetisas e cozinheiras (...) (ALONSO, 1997, p. 209).

Desde fins do século XIX e principalmente no século XX, a principal transformação por que passou a literatura de autoria feminina é a conscientização da

escritora quanto a sua liberdade e autonomia e a possibilidade de trabalhar e criar sua independência. E assim disserta Luiza Lobo (2010) em seu artigo A Literatura de Autoria Feminina na América Latina:

Na literatura de autoria feminina, como na literatura de autoria negra ou africana, percebe-se a existência de um discurso de alteridade político, na medida em que seus representantes se assumam e se declarem como tal, isto é, como negros, negras, africanos, africanas, ou seja, como parte de uma etnia não prestigiada ou como mulheres. A literatura de autoria feminina se constitui naquelas obras em que a literatura se exerce como tomada de consciência de seu papel social. (LOBO, 2010)

Com o passar do tempo o reconhecimento da literatura de autoria feminina, a partir da consciência feminista, que revolucionou a cultura através da história, ainda não terminou, e a literatura, hoje, não só atinge o novo público produtor e leitor feminino, como também incorpora outras visões de alteridade.

4 FLORBELA E A CONSTRUÇÃO DE SEU ESTILO LITERÁRIO

Na escrita florbeliana há certo número de palavras em que se insiste incessantemente. Antes de mais nada, o EU, presente, dir-se-á, em quase todas as peças poéticas. Largamente repetidos vocábulos reflexos da paixão, tais como: alma, amor, saudade, beijos, versos, poeta, e vários outros, e os que deles derivam. Escritos de âmbito para além dos que caracterizam essa paixão não são consideráveis, particularmente na obra poética. Não se coloca como observadora distante, mesmo quando tal parece exterior a fatos, ideias ou acontecimentos.

Segundo Bakaj (1989, p. 87) o soneto é a forma preferida da poetisa e a que mais lhe convém, pois possui uma forma fixa de grande força emotiva e prolonga o sentimento, sendo os dois últimos versos, principalmente que carregam a grande sensação de eternidade.

A obra da Florbela “precede de longe e estimula um mais recente movimento de emancipação literária da mulher, exprimindo nos seus acentos mais patéticos a imensa frustração feminina das (...) opressivas tradições patriarcais.” (SARAIVA, 1976. p. 967) isso implica dizer que de forma proposital ou não Florbela, embora reconhecida e valorizada apenas postumamente, abriu caminho para muitas

autoras, tanto no estilo quanto na primazia de ocupar um lugar que antes não se cogitava poder ser de alguém que não fosse do sexo masculino.

Dal Farra (1999) inicia sua crítica sobre Florbela Espanca atentando para o fato de que a poetisa não pôde desfrutar de todo o seu talento, porque somente foi reconhecida pela crítica depois de morta, ficando obscurecida e ignorada durante toda a sua vida. Eram raros os jornais que comentavam a respeito de sua produção, apesar de reconhecerem que havia uma grande contribuição no fato de haver cada dia mais crescente um grupo de senhoras que faziam versos. Em parte desse grupo, Florbela Espanca era esparsamente citada.

Dal Farra (1999) assim comenta esse fato:

Ignorada por completo pela crítica e pelo público leitor, sua obra havia sido vagamente saudada na altura, pelos comentaristas de plantão, como uma das mais abundantes e inexpressivas flores do galante ramallete de poetisas de salão. (...). Deveras, o Correio da Manhã parabenizava alegremente através de Florbela, o contingente de poetisas que cresce dia-a-dia, aclamando-as e considerando-as sempre, bem-vindas quando, como esta, saiba versejar. (DAL FARRA, 1999, p. 9)

O estilo literário de Florbela é intensamente intimista. Onde os mistérios do Eu parecem desnudos diante do universo sentimentalista do ser, mais precisamente a paixão e o desejo de uma satisfação ínfima, que fosse capaz de preencher o indivíduo em toda sua totalidade. A dor, a amargura, a saudade fazem parte de uma condicionalidade do ser, em que a poetisa julga-se presa, e a tão buscada satisfação, ou realização torne-se um prêmio que contempla a tantos menos a ela, “alma de luto sempre incompreendida”. Segundo Amora (1998, p. 19),

(...) o que se procurou realizar, durante a Época do Simbolismo, não foi a observação, a análise, o estudo dos condicionamentos e das limitações biosociais do Homem, mas a compreensão dos mistérios, da transcendência do seu mundo interior e por outro lado, o significado tomado pelo mundo exterior dentro do mundo interior do indivíduo, Foi o caso do subjetivismo doloroso de Florbela Espanca.

Florbela não escreveu apenas poemas, mas também contos, estes primeiros sem dúvida nenhuma a jóia preciosa de seu talento, a pedra angular de seu legado. Neles a poetisa revelar-se nas entrelinhas dos versos, na expressão de seus desejos e anseios mais profundos, não como autobiografia do real, do cotidiano, mas do seu íntimo, dos seus impulsos, daquilo que parecia preso diante da vida, mas que encontrava espaço

para expandir livremente em cada estrofe, verso ou palavra. Segundo Moisés (2008, p. 356):

Sua poesia mais reveladora do seu talento do que os seus contos, produto de uma sensibilidade exacerbada por fortes impulsos eróticos, corresponde a um verdadeiro diário íntimo, no qual extravasa as lutas que travam dentro dela tendências e sentimentos opostos. Trata-se duma poesia-confissão (...) duma mulher superior pelos dotes naturais, fadada a uma espécie de donjuanismo feminino.

Embora o uso de metáforas como castelos, torres, princesas e rendas criem uma atmosfera de contos de fadas nos seus sonetos e, à primeira vista, causem a impressão de tratar-se de uma obra romântica, é com o Simbolismo que se pode entrever uma maior identidade. A escolha desses vocábulos marca, nitidamente, a alma-menina que luta na tentativa de preservar-se em um mundo adulto tão sofrido.

(...) a produção lírica de Florbela se apresentava como um vasto e fértil campo onde era possível colher abertamente e à vontade tanto exemplos da declaração de cio dessa mulher que, como se viu, sabota a sagrada Constituição Portuguesa.²

Mas acima de qualquer coisa Florbela é uma mulher a procura de referências de vida, de sentir, de ser. Que tenta na palavra alento para uma tristeza que perpassa a realidade e mergulha numa busca sem fim por algo que seja capaz de completá-la, e completá-la de um modo que nada, nem ninguém no mundo real havia sido capaz de fazê-lo.

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada ... a dolorida ...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida! ...

(...)

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

(ESPANCA, 1919, p. 40, grifo nosso)

² DAL FARRA, Maria Lúcia. **Florbela erótica**. Artigo. Recebido para publicação em abril de 2002. Universidade Federal de Sergipe. Sergipe: 2002.

Florbela Espanca foi assim única em cada detalhe, pois embora sua temática parecesse um tanto clichê, por debater temas tão sentimentais, ninguém o fez tão bem quanto ela.

5 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO FEMININA NA OBRA POÉTICA DE FLORBELA ESPANCA

A mais importante voz feminina da Literatura Portuguesa foi precursora de um estilo de vida, que em seu contexto histórico, não condizente com o que se esperava de uma mulher no final do séc. XIX e o início do séc. XX, mesmo em meio a tantas transformações. Nem na vida com seus casamentos e divórcios, muito menos na Literatura e sua forma tão intensa e única de expressar-se. Segundo Dal Farra:

Saiba-se, portanto, o que foi Florbela para o salazarismo: o anti-modelo do feminino, da concepção de mulher – e nisto reside, sem dúvida, a força mais primária da sua obra, cuja lucidez indomável questiona, insurrectamente, a condição feminina e os históricos papéis sociais conferidos à mulher.³

Socialmente Florbela não se colocou como uma militante em prol dos direitos femininos, no entanto por ser assim uma mulher a frente de seu tempo, ao abrir espaço para que outras autoras seguissem seus passos seja ela tão questionada e criticada. Sua notoriedade e reconhecimento deram-se apenas após sua morte, e seus poemas retratam não só o sentimentalismo, que outrora se tornou tão evidenciado, mas a condição da mulher nas entrelinhas das poesias amorosas, doloridas, saudosistas e profundamente encharcadas de paixão, sensualidade e desejo. Sobre isso Dal Farra (1999) comenta:

Ora, se a obra de Florbela passou, a partir de seu falecimento por inúmeras apropriações ideológicas tanto da parte dos aficionados como dos detratores imagine-se, pois o que aconteceu com a biografia da poetisa, assim tão atrelada por Battelli à sua produção. (...). Nunca ninguém teve sua vida tão vasculhada a sua intimidade, em busca de provas tanto a favor quanto contra como essa mulher insurrecta! Rainha sim, mas as duras penas (...). À proporção que, ano a ano, se tornava best-seller, mais ataques lhe eram dirigidos no sentido de evitar o risco de ser tomada como exemplo para as gerações femininas criadas a sombra do salazarismo. (DAL FARRA, 1999, p. 20-21)

Florbela Espanca, mostra-se, em muitas passagens, como quem procura desvendar um autorretrato mais íntimo da sua “alma” feminina. E para isso desprende-

³ Cf. DAL FARRA, Maria Lúcia.

se de certo pudor, que seu tempo e sua época exigiam. E não se importava com as críticas que recebia, mas com o sentimentalismo intimista com que suas composições eram por vezes apresentadas.

Para abrir o Livro de Mágoas a poetisa elege o soneto Este Livro, nele a poetisa parece estender um enorme grito que pretende harmonizar ao redor de si os seus semelhantes, companheiros na dor. O convite feito a eles, no sentido de irmanarem-se nas lágrimas, retrata a tentativa de minimizar a agonia interior que os angustia. Somente eles terão capacidade de compreender sua mensagem, mas isto não os faz mais perfeitos do que os outros, mas o oposto: não compreendê-lo, não intuir nenhuma graça em suas estrofes, faz deste último um privilegiado.

A única maneira de aliviar a dor é encontrar ou descobrir que existe outra maior que a sua. E desta forma Florbela recomenda ao leitor debruçar-se sobre as páginas do Livro de Mágoas, para contemplar a sua dor que, com certeza, é muito maior. Desta forma, ela espera um alívio natural no seu sofrimento, pois ao expor seus sentimentos e encontrar com quem se identificar parece que seu sofrimento é diminuído. É no terceiro verso que esse sentimento é relatado, descrevendo a intensidade do sofrimento: “... Mágoas... Dores... Ansiedade!”

Logo depois, ressurgem a inicial volatilidade do sentimento que se transfigurará em algo abstrato, porém com a sensação quase de concretude, já que deixa de ser externo e fugaz para ser interno e permanente: “... sombras... Névoas... e Saudades!” Há necessidade de que a saudade se esvaia do peito que, até então, lhe servia de película, fazendo o caminho contrário da tonalidade primeira. Ao final, há novamente um convite para se unirem em torno do motivo maior: a mágoa que os aflige. A indefinição do motivo para tanta dor, a curiosidade que é instigada pelo sentido da palavra ansiedade que pressupõe algo que está por acontecer, coloca o leitor na mesma sintonia do eu lírico que, de antemão, já se percebe como alguém que se sente solitário, mas em busca de companhia, mesmo que para compartilhar a tristeza.

Em “Versos de Orgulho”, do livro Charneca em Flor, percebe-se o prenúncio de uma tentativa de rebeldia feminina baseada numa imensa autoconfiança. Essa autoconfiança passa ao leitor força, imensidão, certeza de conquista e posse de si mesma, mas de quem, gradualmente, se submeterá à vontade do outro, o que acaba por

limitar sua amplitude dentro do espaço limitado do abraço entre os dois amantes, representado pela Via Láctea que delimita o Infinito. A gradação das palavras “êxtases”, “sonhos”, “cansaços”, retrata perda de ânimo, quando ela encontra, finalmente, o seu amado:

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
São os teus braços, dentro dos meus braços
Via-láctea fechando o Infinito.
(ESPANCA, 1931, p. 46)

A sua única preocupação é ela própria, o amor, a paixão... o querer e o não querer. A par de uma vida pouco comum para a tradição vigentes - dois divórcios e três casamentos em cerca de quinze anos - essa relação mulher-paixão e a exaltação ao exprimir-se sobre si própria, podem ter contribuído para os conceitos referidos.

A tradição poética é masculina. Desde a morte de Florbela Espanca, no dia 08 de dezembro de 1930, até 1946, o que se havia publicado sobre ela eram resenhas em jornais e textos contendo comentários acerca da sua vida. Estas críticas apenas tangenciavam a sua obra, e eram feitas por amigos e admiradores da poeta, inconformados com o referido silêncio que rondava o seu nome. Era incômodo e até mesmo perigoso para a sociedade portuguesa reconhecer a escrita de uma mulher que rompera tantos tabus: não foi mãe, divorciou-se duas vezes, teve um amante enquanto ainda era casada, cantou o prazer, o amor e o erotismo, embora seja mais lembrada como a poeta da dor e da melancolia.

Dentro da sua inconstância de real, Florbela transcrevia em seus versos a imagem de uma mulher que não deveria estar conformada a com o mundo a sua volta. E embora na década de 20 as poetisas estivessem por ganhar certa notoriedade, Florbela destaca-se por apresentar uma obra diferente das demais, o que não significa que as críticas lhe foram poupadas, e a mulher teve o seu padrão comportamental determinado pelo homem enquanto este exerceu o seu poder. A ele cabia determinar o que deveria ser considerado “normal” ou não. Talvez por isso Florbela teça o seguinte comentário em uma carta para Julinha, a respeito do casamento:

Só as mulheres, as tais mais animais que espirituais, é que o casamento não é a desilusão de sempre – mas então, nós? Se ganhámos um grande amigo, o que sofremos muitas vezes! A revolta de tudo quanto há de afinal uma grande lei da Natureza! E não há homem, por superior que seja, que compreenda esta revolta e que a desculpe! (DAL FARRA, 2002, p. 210)

No livro *Reliquae*, por exemplo, a morte, tema também bastante presente em sua obra, é reverenciada no soneto “À Morte” (ESPANCA, 1931, p.172) no verso “Morte, minha Senhora Dona Morte”, percebe-se a sua entrega a uma figura feminina, dona do seu destino, capaz de trazer consigo a liberdade e oferecê-la a quem dela não pode desfrutar. É o cansaço diante das agruras da vida que vai tornar a morte um porto seguro para o término da viagem da vida.

O “Que Tu És” – Livro de Sórora Saudade – descreve uma mulher que não se enquadra nos moldes sociais da época e, por isso, vive na inconstância e na amargura. No mesmo poema encontramos mais indícios de sua profunda insatisfação com tudo que a cerca, de uma triste insolúvel dentro da condição em que se encontra:

És aquela que tudo te entristece,
Irrita e amargura, tudo humilha;
Aquele a quem a Mágoa chamou filha:
A que os homens e a Deus nada merece!
(ESPANCA, 1923, p. 47)

Cantar a mulher amada nas canções de Amor, exaltando suas qualidades, sua perfeição, a impossibilidade de possuí-la ou tocá-la devido à sua pureza, é um traço literário da Idade Média nas composições feitas pela elite. Assumindo este papel nos seus poemas, Florbela canta o homem amado como ser perfeito, sendo a voz feminina na canção de Amor, o que até então, não existia.

Em “Fanatismo”, a imagem masculina é descrita como alguém dotado de tal poder que passa a ser o responsável pela vida da mulher que o ama, sendo, além de tudo, a sua origem e o seu fim. Nota-se em particular um sentimentalismo exarcebado na descrição de ser a quem devota tudo, inclusive a razão do existir, sem se por submissa, mas, consciente da necessidade de ter ao lado seu o ser amado, o ser que a seu ver será perfeito para posição que fora eleito, a posição de razão do amor que a poetisa afirma sentir:

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida,
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão do meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser

A mesma história tantas vezes lidas!

Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de-rastros:
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim !...
(ESPANCA, 1923, p. 48)

Em “Trocando olhares” Florbela descreve a mulher nos sonetos “Mulher I” e “Mulher II”. No primeiro, a mulher é descrita da seguinte forma:

Um ente de paixão e sacrifício,
De sofrimentos cheio, eis a mulher!
Esmaga o coração dentro do peito,
E nem te doas coração, sequer!
(DAL FARRA, 1995, p. 57)

No segundo, há a seguinte descrição, na primeira quadra:

Ó Mulher! Como és fraca! Como és forte!
Como sabes ser doce e desgraçada!
Como sabes fingir quando em teu peito
A tua alma se estorce amargurada
(DAL FARRA, 1995, p. 58)

Em ambos os trechos nota-se a representação de uma imagem feminina na descrição de seus sentimentos, do seu legado enquanto ser, mas em evidência a condição da mulher dividida entre os anseios mais profundos da e sua condição social, entre a paixão e o sacrifício. Descreve o ser feminino em suas múltiplas faces: fraqueza, força, doçura e amargura. Florbela não nos apresenta uma obra feminista, mas ao retratar a qualidade de ser e sentir, retrata de forma completa a figura feminina. O mesmo evidencia Teixeira:

Florbela, poetisa, não pode ser separada da sua condição de mulher, das suas paixões, da sua maneira de ser, da sua vida, das suas contradições, humildade e orgulho, preconceitos, sua presença e ausência, seus amores e desamores. (TEIXEIRA, 2010).

Em trechos dos mesmos poemas anteriormente citados Florbela recomenda à mulher que seja forte, lute, que não se deixe abater diante das desventuras da vida, pois “Sempre o mundo é vil e infame o os homens”, e que não se deixe ser feita de objeto, pois o mundo é cruel com as mulheres, principalmente aquelas que não

preenchem todos os requisitos morais, a estas afirma: “gritam então os vis: “Olhem, vejam /É aquela a infame!” e apedrejam /A pobrezita, a triste, a desgraçada!” .

Quanta paixão e amor às vezes têm
Sem nunca o confessarem a ninguém
Doces almas de dor e sofrimento!

Paixão que faria a felicidade
Dum rei; amor de sonho e de saudade,
Que se esvai e que foge num lamento!
(ESPANCA, 1923, p. 36)

Nos versos finais do segundo soneto, a sujeição feminina abordada através da sua falta de expressão, aponta para certa indignação, por sentimentos vividos no silêncio, sentidos e ignorados, por uma imposição social de ser que existe com função predeterminada, que sente e cala-se da vida, e findam por sufocar-se na dor e no sofrimento.

Em sua escrita é notável a intensidade de um transcendido erotismo feminino. Tabu até então, e ainda para além do seu tempo, em dizeres e escreveres femininos parece não ter-lhe tanta importância. No livro *Mágoas* Florbela Espanca no soneto “O Que Tu És”, nos apresenta uma mulher que não se encaixa nos moldes sociais da época e, por isso, vive na inconstância e na amargura.

És aquela que tudo te entristece,
Irrita e amargura, tudo humilha;
Aquele a quem a Mágoa chamou filha:
A que os homens e a Deus nada merece!
(ESPANCA, 1923, p. 47)

No mesmo livro Florbela transcende certo amadurecimento e repassa isso ao aconselhar uma moça a encarar a vida, alargando seus horizontes e assim cumprir seu papel social. Incentiva-a superar os obstáculos e seguir sempre em frente desfrutando todo o prazer que for possível, sem tratar com reverência aos superiores e sem ter medo da morte. Por fim expressa no último verso uma metáfora do nascimento de uma nova mulher.

Abre os olhos e encara a vida! A sina
Tem que cumprir-se! Alarga os horizontes!
Por sobre lamaçais alteia pontes
Com tuas mãos preciosas de menina.

Nessa estrada da vida que fascina
Caminha sempre em frente, além dos montes!

Morde os frutos a rir! Bebe nas fontes!
Beija aqueles que a sorte te destina!

Trata por tu a mais longínqua estrela,
Escava com as mãos a própria cova
E depois, a sorrir, deita-te nela!

Que as mãos da terra façam, com amor,
Da graça do teu corpo, esguia e nova,
Surgir à luz a haste de uma flor!
(FLORBELA, 1946, p. 14)

Ao analisar sua produção percebemos que a poetisa sente-se livre na descrição de seus conflitos, “como a desnudar-se por dentro, sem pejo, sem preconceito de nenhuma espécie, põe-se a confessar abertamente as suas íntimas emoções de mulher apaixonada” (MOISÉS, 2008, p. 356).

Horas profundas, lentas e caladas
Feitas de beijos rubros e ardentes,
De noites de volúpia, noites quentes
Onde há risos de virgens desmaiadas...
(FLORBELA, 1923, p. 17)

E desta forma a poetisa não se prende ao exterior da aparência, na intenção de transpor o sentimentalismo de existir, nas aflições do viver, mas julga o interior a parte mais valorosa das necessidades a serem levadas em consideração:

Que diga o mundo e a gente o que quiser!
— O que é que isso me faz?... o que me importa?...
O frio que trago dentro gela e corta
Tudo que é sonho e graça na mulher!
(FLORBELA, 1923, p. 89)

Sua postura em boa parte de sua obra nos apresenta ideais contraditórios, pois ao mesmo tempo que parece escarnecer a postura masculina, deseja ser reconhecida por ela, deseja ser “eleita” em sua múltiplas formas de ser mulher. O poema intitulado “Vaidade” retrata o sonho de ser reconhecida como poetisa.

Entretanto, não basta simplesmente ser reconhecida, é preciso que ela seja eleita, aceita, ou seja, escolhida pela maioria, neste caso, a maioria masculina.

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!
(ESPANCA, 1919, p. 10)

O erotismo, outro traço importante, ganhou corpo em sua produção literária, transgredindo os modelos poéticos femininos: a vontade da alma em se libertar é canalizada para o corpo e representada pelo desejo carnal, como em “Horas rubras” :

Horas profundas, lentas e caladas,
Feitas de beijos sensuais e ardentes,
De noites de volúpia, noites quentes
Onde há risos de virgens desmaiadas
(ESPANCA, 1923, p. 73)

Em “Divino instante” comungam, no silêncio das noites, a volúpia e a liberdade de expressão: é na privacidade que há possibilidade de mostrar-se em essência, homem e mulher em igualdade, ou quem sabe até, ele em desvantagem? Pois a poetisa deixar subentendido ao leitor a tarefa de desvendar as entre linhas.

Ah, fixar o momento em que, dolente,
Tuas pálpebras descem, lentamente,
Sobre a vertigem dos teus olhos de ouro
(ESPANCA, 1931, p. 160)

É a vulnerabilidade tomando conta lentamente da figura masculina, tornando-o frágil. Difícil viver na ambiguidade, fazendo da inconstância uma característica marcante. É deste gancho que o homem se utiliza para marcá-la como desequilibrada, doente emocional e/ou mentalmente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi analisar de que forma se manifesta a representação feminina na obra poética de Florbela Espanca. Nela a poetisa não nos apresenta um estereótipo de uma mulher feminista, mas feminina, que não se intimida com o mundo, a sociedade a sua volta ao expor seu sentir, seus desejos, seu pensar. Tão somente mergulha na profundidade do ser que é, e parece não compreender. Não busca ser o tudo, mas ser reconhecida e aceita.

É justamente o que propõe àqueles que leem seus poemas, quando apresenta o mundo ao seu redor, mostra de forma simples e profunda a necessidade de renascer para a vida e o tempo que se segue, e que se viva à sombra da liberdade e não da submissão, pois a mulher tem poder para isso, cabe à ela ser ou não ser, decidir entre o querer e o não querer. Sentir-se bem com suas escolhas, e não necessariamente ser apontada e

condenada por seus erros. Que busque o direito de recomeçar, quantas vezes lhe for ou julgar necessário.

É através dos sonetos que Florbela vai demonstrar as suas dificuldades diante do mundo. Analisar sua obra, em qualquer âmbito, sem levar em consideração sua história pessoal é não só difícil, mas também prejudicial: Florbela é o retrato da mulher insatisfeita, inquieta, à procura de respostas, em busca da própria identidade.

No entanto é de certa maneira impossível, através da obra de Florbela, conhecer a sua história pessoal ou a sua biografia, visto que o ser que nasce dessa produção resulta apenas da convincente expressão literária que Florbela, enquanto artista, imprime a seus versos – o que significa que a mulher que dessa obra emerge é tão-só o fruto do poder encantatório da verossimilhança, sendo precisamente isso o que torna estética essa poesia.

A poetisa sentimentalista de voz marcada pelo erotismo, a sensualidade e a ansia de liberdade de expressão, além de privilegiar a riqueza do léxico numa linguagem, explora os símbolos e a linguagem sugestiva. Sua poesia utiliza-se de jogo de palavras e metáforas, entre outras figuras de linguagem. Quanto à temática, de cunho intimista, questiona o existencialismo do ser, do eu-lírico. E assim o faz sempre, com perfeição sem igual, com voz marcadamente feminina.

A obra de Florbela Espanca precede de longe e estimula um mais recente movimento de emancipação literária da mulher, exprimindo nos seus acentos mais patéticos a imensa frustração feminina das ofensivas tradições patriarcais.

Sua figura é a de uma mulher que mantém uma atitude desdenhosa diante do mundo, uma irreverência em relação à vida e, principalmente, um olhar de superioridade para o universo masculino. No entanto, o que se pode perceber nos seus sonetos é o inverso: uma dedicação quase sempre submissa a um amor arrogante. Buscou, incessantemente, o seu complemento no outro, aquele que sendo capaz de entendê-la, respondesse suas dúvidas, retratando assim a crise do indivíduo moderno na qual o eu e o outro quase não se distinguem mais. Na sua vida pessoal, três casamentos retratam esta eterna procura.

Sua alma feminina, sua voz de mulher marcaram a história, porque mesmo em todo o tal conservadorismo que dizia ter, Florbela Espanca poetizou o ser feminino, da

forma mais sensível e forte que se pode fazer: em palavras! E assim foi ponte para que outras seguissem seus passos, no entanto jamais alguém foi capaz de fazê-lo. Florbela não possuía uma causa militante e trabalhista, mas empenhou-se em declara-se mulher tão somente, com seus anseios e desejos, amores e paixões, por ter voz, e ser admitida tal como era.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Cláudia Pazos. **Imagens do eu na poesia de Florbela Espanca**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

AMORA, Antônio Soares. **Teoria da Literatura**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

BAKAJ, Branca Borges G. **Quatro Estudos Literários**. Brasília: Ediouro, 1989.

CRAVEIRO, Lúcia. **Florbela Espanca: Uma vida perdida na neurose**. Artigo. Recebido para publicação em 06 de outubro de 2007. Universidade de Évora. Lisboa: 2007.

DAL FARRA, Maria Lúcia (Org.). **Afinado desconcerto (contos, cartas, diário)**. São Paulo, 2002.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **A condição feminina na obra de Florbela Espanca**. In: *Estudos Portugueses e Africanos*.; n° 05. 1º sem. Campinas: 1985.

_____. **Florbela Espanca**. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

ESPANCA, Florbela. **As Máscaras do Destino**. Pref. Agustina Bessa-Luís. Lisboa: Livraria Bertrand, 1979.

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor**. 19. ed.. Lisboa: Livraria Bertrand, 2002.

_____. **Diário do Último Ano**. Pref. Natália Correia. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981.

_____. **O Dominó Preto**. Pref. Fabio Mario da Silva. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda., 2010.

_____. **Sonetos completos**. Coimbra: Gonçalves, 1934. Disponível em: < http://bnd.pt/od/1-26743-p/index-HTML/P_P03.html >. Acesso em: 25 set. 2011.

_____. **Soror Saudade**. São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2010.

_____. **Trocando Olhares** (est. introd., estab. de texto e not. Maria Lúcia Dal Farra). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

GOLDEBERG, Anette. **Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”**. São Paulo, 1989.

LOBO, Luiza. **A Literatura de Autoria Feminina na América Latina**. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/humanas/artes-e-literatura/a-mulher-na-literatura-brasileira-878/artigo>. acesso: 10 de out 2011.

MAGALHÃES, Isabel. **Florbela Espanca e a subversão de alguns topoi**. In: *A Planície e o Abismo*. Lisboa, Vega/Universidade de Évora, 1997.

MAGALHÃES, João Chagas. **Cartas Políticas**. São Paulo: editora Ática: 2000. Martin Claret, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. 16ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 5º ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1974. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **O Simbolismo**. São Paulo, Cultrix, 1967.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras brasileiras do século XIX**. Antologia. Florianópolis: Mulheres/Edunisc, 1999.

TEIXEIRA, Daniel. **Florbela e o Feminino**. Artigo sobre vidas lusófonas. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/humanas/vidaslusofonas/feminino-literatura-portuguesa/artigo>. acesso: 10 de out 2011.